

ENTREVISTA COM DRISS EL KHATTAB

Driss El Khattab



Por Maria Nazareth de Lima Arrais (UFCG) e Maria de Fátima B. de M. Batista (UFPB), tradução do original francês *Entretien avec Driss El Khattab* in *ASEL*, Vol 27 – Nº 1 – ANO 46 2022.

Nesta entrevista, dialogamos com o professor Dr Driss El Khattab, da Universidade Hassan II, em Casablanca no Marrocos, que nos fala sobre sua sua formação e atuação na área de linguística, semiótica das culturas e tradução.

ASEL – Prof Khattab, é um prazer fazer esta entrevista. Sabemos que trabalha na Universidade de Casablanca e é a primeira vez que entrevistamos uma pessoa de Marrocos. Gostaríamos que completasse esta informação inicial de que dispomos, fazendo uma apresentação sobre si mesmo, incluindo o seu percurso acadêmico e profissional.

Nasci em Rabat, capital do *Reino de Marrocos*. Após a graduação, especializei-me em linguística pela Faculdade de Letras de Rabat (Universidade Mohammed V). Nosso diploma é obtido após quatro anos de estudo e a realização de uma memória (espécie de TCC), a qual, realizei sobre a definição de palavras na teoria padrão de Noam Chomsky. Continui os meus estudos superiores que tiveram como saldo um DES (Diploma de estudos superiores) em linguística, em lexicologia, uma vez que o tema desta tese é: *Os verbos causativos em*

árabe: aspectos morfológicos e semânticos. A partir de 1990, ano de integração do corpo docente, ensinei sintaxe, lexicologia, métodos de investigação, história da linguística e outras disciplinas, relacionadas com o domínio das línguas. Gosto de estudos que estão inscritas nas pesquisas lexicográficas, às quais tentei aplicar o modelo da semântica cognitiva a um trabalho (tese de doutoramento de Estado) elaborado em 2001 que consiste em ligar um domínio empírico e prático a um campo teórico, o da semântica cognitiva.



Universidade Hassan II-Casablanca, à direita da palmeira,
a Faculdade de Letras de Mohammedia

ASEL – O Senhor disse que sua tese de doutoramento consistia em ligar um domínio empírico e prático a um domínio teórico. Pode falar-nos dessa articulação?

O título do trabalho foi *Lexicografia árabe: para um dicionário cognitivo*. A impressionante analogia constatada entre lexicografia e a teoria cognitiva da linguagem permitiu-me trabalhar uma lexicografia baseada na relação entre a mente e a linguística. O sentido, então concebido como o elemento proeminente da microestrutura, é derivado da estrutura cognitiva que cria um conjunto de invariantes cognitivas, incluindo, principalmente, protótipos, perfis cognitivos. Estes são considerados como representações mentais que o lexicógrafo é obrigado a traduzir em traços semânticos. No final desta investigação, coloquei em prática os princípios teóricos e as bases metodológicas de uma lexicografia cognitiva que traça um caminho que permite aprofundar a definição conceptual cujos conceitos fundamentais pertencem a dois domínios: o da língua ou a linguística (entrada lexical, palavras, traços semânticos, significados,...) e o cognitivo: a representação cognitiva, a memória semântica, os atributos de uma categoria, os protótipos,...). A lexicografia tradicional considera que a palavra é uma entidade de sentido em fronteiras bem delimitadas. A semântica lexical (na qual lexicógrafos se inspiram) confere à palavra limites bastante vagos. Algumas classes não se deixam apreender em termos de definições rígidas e lógicas dos peritos. Assim, muitos semanticistas levaram em consideração às categorias pouco claras, do grau de pertença a certos membros ditos periféricos. Nossa investigação em lexicografia demonstrou a importância dos mecanismos conceptuais que presidem a construção das declarações definitórias. A contribuição deste livro (*Lexicografia árabe e investigação cognitiva*, 2010) reside na emergência da informação cognitiva no âmbito de um dicionário teórico a que chamei «dicionário cognitivo». Este

trabalho conduziu a uma investigação sobre a lexicografia computacional e nesta perspectiva minha cooperação com Patrick Hanks (da Universidade de Breindeis, USA) foi interessante, pois permitiu publicar um artigo¹ sobre a lexicografia árabe na Enciclopédia das Línguas e Linguísticas.

Atraído, ou mesmo perseguido pela questão do sentido, abandonei, a longo prazo, o léxico para me debruçar sobre os estudos semânticos; trata-se do significado ligado às palavras, às frases e aos textos. O sentido é o domínio da investigação linguística que avança, lentamente, em relação aos outros componentes da linguagem, a saber, a sintaxe, a fonologia e a pragmática. Quer esteja ligada às palavras ou aos textos, a semântica surge como uma disciplina especulativa. Sua evolução estava semeada de problemas como a não formalização dos seus dados e a dificuldade em instaurar regras ou princípios. No plano metodológico, as questões que se colocam são cruciais e substanciais: qual é o sentido? Qual é o nível em que se situa? Ao nível da palavra, da frase, do texto, do corpus? Como podemos observar os significados e torná-los perceptíveis? O que faltava era um quadro teórico e os princípios ou normas epistemológicas e metodológicas claras sobre o sentido das línguas. Ao procurar este quadro já esperado, tive conhecimento dos trabalhos de F. Rastier em 2001 que respondem, em grande parte, às questões colocadas sobre o sentido.

1. 2006, «Arabic lexicography», in: Keith Brown, (Editor-in-chief), *Encyclopedia of Languages and Linguistics*, Second Edition, Volume I, pp. 441-443. ELL2, (14 vol.), Oxford, Elsevier, GB. Cf. www.elsevier.com/locate/permissionusematerial

ASEL – Gostaríamos de saber como nasceu o interesse pela pesquisa em semântica interpretativa? E como desenvolve esse diálogo com as várias teorias?

De vez em quando, faço traduções ou dedico, também, tempo aos fatos metodológicos, nomeadamente na escrita dos memoriais e teses. Mas o demônio do significado agarrava-me e atirava-me na escuridão da semântica. Decidi então prosseguir meus estudos sobre o significado, adotando a semântica dos textos ou semântica interpretativa de F. Rastier e seus colegas. Imbui-me do quadro apresentado pelo autor, mas muitos aspectos eram para mim novos, como os fatos hermenêuticos, filológicos. Note-se que a filologia não é ensinada entre nós, é uma matéria obsoleta nas universidades marroquinas. Para o sentido, eu não tinha nenhum problema porque eu li Saussure, Bréal, Hjelmslev, Greimas, R. Martin, J. Lyons, Kleiber, etc. A análise das unidades mínimas do significado (semas) no contexto era-me familiar, mas, em Marrocos, o projeto de Rastier não é suficientemente conhecido, porque o autor mais lido e traduzido em árabe é Greimas. Coube-me, portanto, apresentar os trabalhos de Rastier e traduzi-los para árabe. Depois de numerosas

leituras neste domínio (os trabalhos de Greimas, Kleiber, R Martin, John Lyons, Mariana Tutescu, Rosch, Geeraerts, ...), tentei pôr em evidência os aspectos metodológicos e teóricos da semântica dos textos. Em numerosas publicações, procuro fazer uma breve apresentação da teoria em questão. Nomeadamente, na revista eletrônica *texto.net*, existem apresentações² interessantes sobre esta abordagem.

2. Ver, por exemplo, as apresentações de Carine Duteuil-Mougel (2003), Louis Hebert (2002), Christine Chollier (2005) Tanguy, M. Valette, Ballabriga e outros que constituem uma introdução ao quadro teórico proposto.



Driss El Khattab, durante um simpósio sobre línguas e culturas

ASEL – No artigo *Semântica, figuras e textos*, que escreveu em 2022, o Senhor disse que insere também a semântica dos textos como parceira linguística e semiótica. Pode nos falar sobre isso?

A outra vertente dos meus trabalhos consiste em salientar a pertença da semântica dos textos à linguística e à semiótica. Com efeito, a semântica interpretativa, resultante da linguística europeia que se desenvolveu desde o início do século, é uma síntese «de segunda geração» da semântica estrutural europeia, desenvolvida na sequência dos trabalhos de Bréal e Saussure, depois Hjelmslev, Greimas, Coseriu, Pottier. A semântica dos textos, também chamada semântica interpretativa, cria um arsenal teórico e descritivo para dar conta dos textos de diversas naturezas. O meu artigo, que aparecerá no livro *Semântica, figuras e textos* (2022), dá uma ideia dos eixos teóricos e descritivos da semântica dos textos. Ao refutar as considerações ontológicas, o autor funda uma semântica linguística de tradição saussuriana. Muitos dos conceitos utilizados (significados, lexema, morfema, frase, sintagma...) fazem parte da linguística, enquanto outros (sentidos, sémiose, signos, ...) são da semiótica.

No último trabalho (cf. número especial dirigido por Trudel, 2022), a minha proposta não se limita a estas disciplinas (linguística e semiótica), mas diz respeito às ciências humanas e sociais. O problema epistemológico do objeto da semântica e da sua especialização foi colocado desde o seu aparecimento como ramo da linguística. Durante muito tempo, foi descrita como o parente pobre da linguística e, além disso, está ligada, por vezes, à psicologia, outras vezes à sociologia, como em Bréal (1898). Não pode receber um tratamento formal como é o caso da fonologia ou da sintaxe. Depois de Saussure, Greimas vai restaurar o *status* da semântica, declarando que é uma ciência humana e que procura descrever os valores e não os postulados³. Rastier considera que

a semântica interpretativa faz parte de uma corrente científica e, por conseguinte, se inscreve na linha do carácter empírico da linguística. No plano metodológico, o sentido é estudado objetivamente, observando os dados, a fim de os analisar na perspectiva onomasiológica. Assim, a objetivação do significado textual constitui uma diligência heurística capaz de dar conta da mudança dos significados em situações novas.

É preciso procurar os componentes do significado em conhecimentos enciclopédicos de todos os tipos, nomeadamente naqueles das ciências sociais: Literatura, história, direito, sociologia, filosofia, etc. requerem aspectos semânticos, mas sem pretender fazer uma descrição científica rigorosa. Em resumo, em relação aos diferentes ramos das ciências humanas e sociais, a teoria da semântica interpretativa delimita-se e posiciona-se, adotando uma perspectiva descritiva.

Assim, proponho uma perspectiva epistemológica e metodológica sobre a abordagem considerada na semântica interpretativa, a fim de compreender o seu alcance no seio das ciências humanas e nas correntes da linguística moderna.

Neste trabalho, procurei pôr em evidência os pressupostos epistemológicos da fundação da semântica interpretativa e identificar as problemáticas, as hipóteses, os métodos e os processos de validação. Os três eixos examinados são sucessivamente: sentido e textos: aspectos metodológicos (secção 1), semântica interpretativa: posicionamento epistemológico (secção 2) e as dicotomias fundadoras da semântica interpretativa (secção 3).

3. Cf. Greimas, 1966, p.58.

ASEL - Tradução é o espaço que reúne duas culturas diferentes. Poderia nos dizer o que ela significa para o Senhor?

O mito de Babel significa mistura, variedade, multiplicidade. Também significa diversidade. Os pensadores da Idade Média só dominavam o grego, o latim e as línguas nacionais. Com o surgimento do comércio entre as nações, foi necessário inventar um meio de diálogo entre si. Assim, a tradução tornou-se um meio necessário a que os humanos recorrem para estabelecer relações com os outros (diferente do ponto de vista da língua e da cultura). A tradução aproxima as pessoas e facilita diferentes tipos de comunicação. A teoria da tradução teve dois projetos: o primeiro é utópico porque se baseia na ideia de humanismo e no encontro de culturas. Tende a criar um mundo cosmopolita no qual as distinções entre culturas seriam anuladas. O segundo projeto vê a tradução na

perspectiva da luta entre culturas. Este projeto pretende preservar as identidades e diversidades culturais e linguísticas. Poderemos discutir, detalhadamente, cada um dos projetos, mas o espaço concedido a esta entrevista não permite. Digamos, brevemente, o que representa para mim: como traduzir? Acho que o trabalho do tradutor é criar um equilíbrio entre a atividade técnica (implementação de termos, tradução de conceitos, realização de um paralelismo semântico entre o significado do texto de partida e o significado do texto de chegada) e os componentes culturais que exigem respeito pelas culturas veiculadas nos textos.

ASEL – A nosso ver, o Senhor constitui uma ponte lançada entre o Ocidente e o Oriente. Nesta direção, gostaríamos de saber sobre sua integração no laboratório de «Semântica e retórica dos textos».

Em 2007, minha integração ao grupo da revista texto, como pesquisador de semântica de textos e como tradutor, permitiu-me aprofundar meus conhecimentos sobre questões de significado, relacionadas com o texto, o corpus e o círculo de estudos. Tal formação, se assim posso dizer, encorajou-me a fundar em Mohammedia um laboratório de investigação em *semântica e retórica dos textos*. Nesta estrutura de pesquisa, bastante modesta, devo reconhecê-lo, eu me ocupei da semântica e outros pesquisadores apresentam pesquisas em retórica. O objetivo estratégico do laboratório é fazer da investigação científica e técnica uma entidade multidisciplinar de investigação, tanto no nível da nossa instituição (FLSHM), da nossa universidade, como no nível nacional e internacional. Trata-se de uma estrutura de investigação cujos trabalhos e eixos orientei, sendo desenvolvida por professores

investigadores dos departamentos de francês, árabe e inglês para tratar temas em conformidade com as prioridades em semântica, retórica e tradução. Saliento que o nosso laboratório realizou uma cooperação científica com o grupo de investigação ERTIM, que é uma estrutura de investigação no Inalco (Paris).

Os trabalhos do meu laboratório são concretizados por colóquios e jornadas de estudo. Saliento, igualmente, que esta cooperação conduziu à criação de uma direção (juntamente com Mathieu Valette) para a tese de N. Makouar sobre a *Semântica de corpus e didática das línguas: aplicação a discursos jornalísticos e políticos de língua árabe* defendida em 2016 em Paris. Nesta estrutura, pudemos pôr em prática um processo de investigação, no qual coabitam os dados teóricos e metodológicos da semântica dos textos e os dados da análise

retórica (grupo Mu, Fontanier, Tomba-Metz, Joelle-Tamine, Bonhomme, etc.). No início, a pesquisa visava textos romancísticos, a seguir a análise foi estendida aos textos jornalísticos, políticos, poéticos. Os trabalhos efetuados permitiram dar conta de textos literários de todos os tipos e pôr em prática as suas especificidades, tanto semânticas como retóricas. Algumas pesquisas visaram à comparação entre os textos franceses e marroquinos no campo do jornalismo, os resultados eram estendidos a vários níveis. A abordagem semântica e a análise retórica são, portanto, complementares na nossa concepção: no futuro, tentaremos fundi-los e, conseqüentemente, propor a nossa própria abordagem, que se baseará nas conquistas de

outras disciplinas dos textos, como a estilística e a semiótica dos textos. No programa inicial, os trabalhos centravam-se no sentido e nas figuras retóricas, atualmente centram-se nas considerações estilísticas, hermenêuticas, temáticas, culturais. No domínio da tradução, nossas investigações trataram de textos de linguística e permitiram dar correspondentes terminologias árabes aos conceitos franceses. Resultado: através da tradução, uma ponte é erguida entre as duas culturas, a do Ocidente e do mundo árabe, representado por Marrocos. A investigação terminológica e a criação dos léxicos francês-árabe da linguística constituem o primeiro trabalho que fiz para a tradução das obras e artigos em semântica.

ASEL - Pode-nos dizer o que foi, para o Senhor, traduzir a obra de Rastier para o árabe?



Com François Rastier

A tradução especializada é um trabalho duro porque requer esforços cognitivos e físicos. O problema que se colocou quando da tradução de *Artes e Ciências do texto* (2001) é de ordem pessoal: eu não tinha qualquer experiência neste domínio, além disso, a obra é árdua, encontrei dificuldades em traduzir os conceitos de oito disciplinas ali tratadas. Com *Saussure no futuro* (2015), a terminologia tornou-se dominada, as ideias do autor são conhecidas, segui o método seguinte: realizei várias entrevistas com Rastier, sobre a expressão e o conteúdo de várias passagens do livro, para que a tradução refletisse, exatamente, a concepção do autor, tanto é que a obra especifica o que pertence a Saussure e o que é apócrifo.



Durante um Colóquio sobre tradução

A tradução é certamente uma ponte entre duas culturas, mas em Marrocos, ainda não há instâncias de encorajamento aos tradutores, porque não há instituições estatais que poderiam definir prioridades em termos de tradução (designar as obras que devem ser traduzidas). As instituições deveriam ter a responsabilidade de aplicar uma política de tradução e de remunerar

os tradutores como no passado glorioso da civilização árabe-muçulmana. Além disso, a tarefa da semiótica das culturas é valorizar os aspectos salientes da cultura árabe. O universalismo e o cosmopolitismo permitem por ênfase nas propriedades comuns a todos os seres humanos, mas a diversidade cultural existe e deve ser concebida como um fato e não como um fenômeno. O nacionalismo exagerado e a recusa da diversidade conduzem, sem dúvida, ao racismo. Como no passado, os pensadores ocidentais têm acesso à filosofia árabe graças à tradução, do mesmo modo que, hoje em dia, o conhecimento dos modos de vida e de pensamento dos árabes passa pela tradução dos textos de ficção (romances, por exemplo) ou dos ensaios. Muitos pensadores desejam que a tradução seja orientada para o sul, ou seja, a tradução das obras dos países muçulmanos ou orientais como a Índia, a Turquia, o Paquistão. Assim, num capítulo da minha obra *Ciências da Cultura* (2017), optei pela tradução do sentido e não pela da estrutura sintática das frases, pois é esse o sentido que conduz à cultura.

ASEL – O que o Senhor pensa sobre a situação atual da Semiótica das culturas?

Os dois termos que formam a semiótica das culturas são a semiótica e a cultura. A semiótica interessa-se pelos signos (incluindo as línguas) e a cultura é a manifestação destes signos compartilhados e trocados no seio da vida social. Os signos pertencem a diferentes sistemas semióticos, haverá tantos semióticos como sistemas de sinais. Para Lotman, a cultura é um conjunto de textos onde o referenciador do primeiro se torna significado do segundo e assim por diante *ad infinitum*. Isso é o que ele chama de semiosfera. Para outros, uma cultura é um conjunto de instituições simbólicas, como a língua, o direito, a religião, a técnica. Assim, a cultura não é um objeto bem determinado,

mas o que importa neste domínio é o sentido e a interpretação. Como se poderia constatar, nem o primeiro termo (semiótica) nem o segundo (cultura) estão rigorosamente definidos para poderem instaurar uma disciplina cujo objeto, método e contornos são delimitados. Eis a razão pela qual, parece-me, Rastier põe em questão o estatuto da semiótica da cultura, considerando que existem demasiados sinais para que a semiótica se constitua como disciplina. Estas afirmações evocam um estado de fato que o autor sublinhou no início dos anos 2000 e convém precisar que se trata aqui da semiótica que constitui a matéria de ensino nas universidades. Estas dificuldades de restabelecimento da

disciplina fizeram com que, em meu entender, não exista um departamento de semiótica nas faculdades de letras. Existem departamentos de psicologia, antropologia, linguística ou ciências da linguagem. Os departamentos de semiótica, se existirem, são muito raros.

Mas o que me interessou no meu trabalho de 2017 (*As ciências da cultura*) foi que a semiótica das culturas goza de uma vocação epistemológica que consiste em «federar as ciências da cultura em torno dos conceitos de linguagem e de interpretação».

Pode desenvolver o seu programa numa perspectiva federativa, para afirmar o projeto epistemológico das ciências da cultura. Tal vocação põe a semiótica da cultura em concorrência com as ciências da cultura que, também elas, federam as ciências humanas e sociais em geral e os fatos de cultura em particular. Eu havia mostrei que a idéia de ciências da cultura é um projeto que está em concorrência com dois outros passos ou paradigmas dentro das ciências humanas e sociais que é a semiótica de culturas e estudos culturais. Nesta perspectiva, não se deve esquecer o projeto de «terceira cultura» de Brockman (*The third culture: Beyond the Scientific Revolution* (1995). As ideias contidas nesta obra estão ligadas às de Snow (1962) no seu livro *The two Cultures and the Scientific Revolution* (London, Cambridge University). Com efeito, no plano metodológico e epistemológico, os estudos culturais, partilham com a semiótica da cultura os seguintes fatos: (a) a imprecisão de um objeto de investigação específico; (b) a não determinação de um método confiável e consensual; (c) ambas tratam do texto, concebido como suporte da cultura, mas os estudos culturais caracterizam-se por uma inclinação política e ideológica (marxista) que não se observa na semiótica das culturas; (d) ambos aspiram a constituir-se como paradigma (para substituir o estruturalismo decadente) que poderia apresentar modelos de análise para as outras disciplinas das ciências humanas.

Outros elementos de comparação estão sendo levantados em trabalhos sobre as ciências da cultura, como *Ciências da cultura: questões metodológicas e epistemológica*, obra em árabe (2017), composta por 14 capítulos.

**Por Maria de Fátima Barbosa de Mesquita
Batista e Maria Nazareth de Lima Arrais**
